



TERAPIA RENAL SUBSTITUTIVA E RISCO INFECCIOSO: identificação dos agentes etiológicos

LOVATTO, Marcos Vinicius Perez¹

MITTELMANN, Tamíres Hillesheim²

STARCK, Édina³

NAKALSKI, Lucas Rosa⁴

RESENDE E SILVA, Débora Tavares de⁵

1

Tema: risco infeccioso em transplantados renais.

Introdução: A prevalência de complicações infecciosas após transplante renal acarreta, de forma significativa, em morbidade e mortalidade. Estima-se que 80% de todos os receptores de transplante renal apresentam alguma infecção durante o primeiro ano de acompanhamento pós-cirúrgico. O uso de imunossupressores é considerado fator de susceptibilidade ao acometimento de infecções, nos pacientes após o transplante. Além disso, outras condições como higiênico-sanitária e socioeconômica apresentam influência de maneira menos uniforme. **Objetivos:** Caracterizar os indivíduos que realizam terapia renal substitutiva e identificar os principais microorganismos causadores de infecções no primeiro ano pós-transplante. **Metodologia:** Estudo observacional descritivo realizado com 84 pacientes transplantados renais em uma clínica renal no município de Chapecó-SC, através de dados secundários (análise de prontuário) do primeiro ano pós-transplante. Utilizou-se como critério de inclusão os pacientes que realizaram transplante renal entre janeiro de 2013 e dezembro de 2017 e que fazem acompanhamento de rotina na clínica, de ambos os sexos e maiores de 18 anos. Foram excluídos os pacientes submetidos a re-transplante renal, os que vieram à óbito e os que desistiram da pesquisa. **Resultados e Discussão:** A idade média dos indivíduos foi de 47.5 anos, sendo em sua maioria do sexo masculino (66,6%; n=56) e com enxertos do tipo cadáver (76,1%; n=65). A maior parte dos pacientes tiveram algum tipo de infecção no primeiro ano pós transplante (60,7%; n=51). O agente etiológico mais encontrado em relação ao número de pacientes foi *Escherichia coli* (14,3%; n=9), seguido de Citomegalovírus (9,5%; n=6). Na terceira posição encontram-se *Enterobacter sp.* e *Staphylococcus sp.* com igual porcentagem (4,8%; n=3). Outros agentes etiológicos são responsáveis por 22,2% (n=14). Por fim, em 44,4% (n=28) das vezes o agente etiológico não foi especificado. **Conclusão:** Os dados encontrados na população em estudo são semelhantes aos descritos na literatura, apesar de a não especificação do agente etiológico ser um desafio clínico. Afinal, a terapia antimicrobiana em pacientes transplantados deve ser analisada por conta da toxicidade e da ocorrência de interações com outros medicamentos em uso. Além disso, o diagnóstico precoce e específico previne procedimentos invasivos e tratamentos desnecessários.

Palavras-chave: Transplante de rim; Infecção; Agente etiológico.

¹ Acadêmico do curso de Medicina, Universidade Federal da Fronteira Sul, mvlovatto@gmail.com

² Acadêmica do curso de Medicina, Universidade Federal da Fronteira Sul, tamiresmittelmann@gmail.com

³ Acadêmica do curso de Medicina, Universidade Federal da Fronteira Sul, estarck92@gmail.com

⁴ Acadêmico do curso de Medicina, Universidade Federal da Fronteira Sul, lucasnakalski13@gmail.com

⁵ Docente do curso de Medicina, Universidade Federal da Fronteira Sul, debora.silva@uffs.edu.br